The background of the cover is a painting. It depicts a muscular, golden-skinned figure, possibly a deity or a powerful spirit, in a crouching or kneeling pose. The figure's skin has a metallic, shimmering quality. Above the figure's head, there is a bright, glowing light source, possibly the sun or a celestial body, which casts a strong, warm light across the scene. The overall color palette is dominated by earthy tones like browns and oranges, contrasted with the bright light at the top.

**Possessão e Incorporação:
Espíritos possuindo fisicamente
os encarnados**

Paulo Neto

Possessão e incorporação:

Espíritos possuindo fisicamente os encarnados

Possessão: "E o homem que estava possesso do espírito mau pulou sobre eles com tanta violência, que tiveram de fugir daquela casa, sem roupas e cobertos de ferimentos". (Atos 19,16).

Incorporação: "Chegaram à outra margem do mar, na região dos gerasenos. Quando desembarcou, um homem possesso de um espírito impuro, saindo dos sepulcros, logo foi ao seu encontro. Ele morava nos sepulcros e ninguém conseguia mantê-lo preso, nem mesmo com correntes, pois muitas vezes lhe haviam algemado os pés e as mãos, quebrava as algemas, e ninguém o dominava. Passava o tempo inteiro nos sepulcros e sobre os montes, gritando e ferindo-se com pedras" (Mc 5,1-5).

Paulo Neto

Copyright 2014 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

<http://www.espiritualismo.info/imagens/enfermidades/pensador.gif>

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2014.

Índice

Considerações iniciais.....	5
1 – Possessão: há a posse física do encarnado?....	7
1.1 – Introdução.....	7
1.2 – Realidade x teoria: Uma paciente em obsessão.....	7
1.3 – O assunto nas obras básicas da Codificação.....	10
1) Abr/1857 – O Livro dos Espíritos.....	10
2) Out/1858 – Revista Espírita.....	12
3) Jan/1861 – O Livro dos Médiuns.....	14
4) Dez/1863 – Revista Espírita.....	15
5) Abr/1864 – O Evangelho Segundo o Espiritismo.....	17
6) Jan/1868 – A Gênese.....	19
7) Fev/1869 – Revista Espírita.....	23
1.4 – Opiniões sobre o assunto.....	25
1.5 – Conclusão.....	33
2 – Incorporação por Espíritos.....	37
2.1 – Introdução.....	37
2.2 – O que geralmente se pensa desse assunto.....	39
2.3 – Na Codificação o que podemos encontrar?.....	41
2.4 – O que dizem alguns autores consagrados?.....	48
2.5 – Conclusão.....	67
Conclusão.....	70
Referências Bibliográficas.....	71

Considerações iniciais

Vamos tratar de dois assuntos polêmicos no meio espírita. Em razão deles estarem intimamente ligados um ao outro, nos fez juntá-los num mesmo livro.

Primeiramente, demonstraremos que a falta de um estudo profundo leva alguns espíritas a não aceitarem a possessão, porquanto se baseiam numa fala de Kardec, esta anterior à mudança de sua atitude, como ficará bem claro no desenvolver de nossos argumentos.

O segundo tema é sobre a incorporação, que, no fundo, é uma possessão, uma vez que o processo de intercâmbio mediúnico é o mesmo do da possessão. Aliás, a bem da verdade, esses dois nomes designam a mesma coisa; isso, para nós, é claro.

Embora ambos os temas tenham sido desenvolvidos originalmente separados (vamos mantê-los assim), agora, neste livro, resolvemos juntá-los no mesmo espaço, vamos assim dizer, pelo motivo já explicado.

Achamos por bem alertar o leitor que, à primeira vista, nos dois tópicos, algumas citações, ainda que parcialmente, são repetidas; isso parece ser estranho aos que entendem que cada um desses fenômenos tem características próprias; entretanto, assim o fizemos para demonstrar que, no fundo, são iguais.

Esperamos que os leitores possam se dar conta dessa realidade, porquanto é algo bem claro nas obras espíritas que utilizaremos como base dos nossos argumentos.

Como já fomos questionados por pessoas que não se deram ao trabalho de ler o que apresentamos como provas, encarecidamente, pedimos, aos que não comungam da ideia, que se deem uma oportunidade de ler tudo quanto colocamos no presente estudo. Caso, ainda, persistam em seus argumentos, não iremos nos aborrecer com isso, pois é dado a cada um o direito de pensar como melhor lhe aprouver.

1 – Possessão: há a posse física do encarnado?

1.1 – Introdução

Por várias vezes nos deparamos com essa dúvida, quando pessoas nos perguntavam se, nos casos de obsessão, haveria verdadeiramente uma posse física do encarnado, ou seja, se o espírito obsessor “entraria” mesmo no corpo do obsidiado, passando a controlar o corpo deste.

A nossa própria experiência nos leva a crer que, em alguns casos, tem-se mesmo a nítida impressão que sim. Mas é importante ressaltar que, de forma alguma, estamos generalizando para todos os casos de obsessão. Vamos contar, agora, uma ocorrência que nos levou a rever nosso posicionamento anterior de que a posse física não poderia ocorrer em nenhuma hipótese.

1.2 – Realidade x teoria: Uma paciente em obsessão

No início do ano de 2005, época em que morávamos no interior de Minas Gerais, fomos chamados para ajudar uma moça que havia sido hospitalizada por estar se comportando de maneira anormal. Isso se deu porque, entre os seus parentes, alguns perceberam que ela estava influenciada por espíritos; por isso, solicitaram o nosso auxílio. Chegando ao local onde ela se encontrava, vimos que a possibilidade de estar mesmo sob influência espiritual era

evidente, pois, além de falar com voz masculina, falava coisas que, em seu estado normal, não lhe era habitual. Naquele momento, havia dois homens fortes segurando-lhe os braços, restringindo-lhe os movimentos, uma vez que queria agredir a si mesma. Tivemos notícias, por algum dos presentes no quarto, que o pároco da cidade havia passado por lá, numa rápida visita. Ele, ao sair, disse que, quando ela ficasse boa, ele voltaria. Como se diz popularmente: aí, até nós!...

A equipe de médiuns, que nos acompanhava naquele atendimento fraterno, também teve essa mesma impressão. Passamos, então, a estabelecer diálogo com os espíritos que a atormentavam. E, após vários se apresentarem, conseguimos, finalmente, libertá-la daquelas influências, fato que a fez voltar a seu estado normal.

Passados alguns dias, fomos, novamente, chamados para ajudar essa moça. Desta vez, estava em sua própria residência, com os mesmos sintomas, falando com voz que não era a sua, e tentando se agredir, ou seja, comportava-se exatamente como da primeira vez. Na oportunidade, conversamos com vários espíritos. A situação estava difícil, pois, mal acabávamos de convencer um espírito a se afastar da moça, “entrava” outro. E, assim, ficamos por mais de uma hora. Por fim, dada a nossa incapacidade de resolver a questão, recomendamos aos familiares que a levassem ao Hospital Espírita André Luiz, na capital mineira, para avaliação e tratamento, se a situação assim o exigisse.

A equipe do Hospital constatou que a moça, realmente, estava sob forte influência espiritual, recomendando que seu nome fosse levado para a reunião específica de desobsessão e que, semanalmente, por um tempo longo, tomasse passe, além de ter receitado medicamentos para tranquilizar a paciente, de conformidade com os procedimentos médicos tradicionais para o caso.

Daí, sempre que possível, a família a levava ao Grupo Espírita que, nessa época, frequentávamos. Na hora do passe era um sufoco, pois a moça mal fechava os olhos, e pronto: entrava em sintonia com os espíritos que a perseguiram. Isso fez com que orientássemos aos assistidos para que, no momento do passe, não a deixassem se concentrar.

Entretanto, numa certa vez, após adentrar à câmara de passes, entrou em transe, numa nítida sintonia espiritual. Aliás, nunca vimos uma pessoa sintonizar-se tão facilmente quanto ela. Fomos imediatamente chamados para ajudar. Embora a situação fosse extremamente inadequada, de igual modo que nas anteriores, iniciamos o diálogo com o espírito que a assediava e, com muito custo, conseguimos dele a promessa de que iria "sair" da moça. Imediatamente após ele dizer isso, a moça perdeu todo o controle do corpo, caindo ao chão, sem que pudéssemos fazer absolutamente nada, dada a rapidez com que isso aconteceu. Ajudado pelos companheiros, com relativa dificuldade, a colocamos numa cadeira, tentando reanimá-la, o que ocorreu poucos minutos depois. Ao voltar a seu normal não se lembrou de nada do

que lhe ocorrera nesse período de tempo. Saiu naturalmente, como entrou, de forma que, quem a viu sair da câmara de passes, não percebeu o que havia lá ocorrido.

Foi a partir desse episódio que passamos a questionar o conceito de que todos os fenômenos mediúnicos têm como base a mente; em outras palavras, tudo ocorre em nível de sintonia mental entre os envolvidos, sem qualquer tipo de ligação física. Mas, o fato ocorrido nos remetia a acreditar que havia realmente uma posse física, o que, a nosso ver, justificava a queda da moça após a “saída” do espírito, se assim podemos nos expressar, não conseguindo, o seu próprio espírito assumir, a tempo, o controle do corpo, de modo a evitar a sua queda.

Essa questão foi amplamente debatida entre os membros do Grupo e, na ocasião, chegou às nossas mãos um texto publicado no site Portal do Espírito, em que o articulista defendia, ou melhor, demonstrava que Allan Kardec (1804-1869) havia falado algo a respeito disso. Vejamos, então o que encontramos nas obras kardequianas.

1.3 – O assunto nas obras básicas da Codificação

Apresentaremos em ordem cronológica o que encontramos daquilo que Kardec disse, para que fique clara a evolução do seu entendimento sobre o assunto.

1) Abr/1857 – O Livro dos Espíritos

Abordado nas seguintes questões:

473. *Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo?*

“O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.”

474. *Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada?*

“Sem dúvida, e são esses os verdadeiros possessos. Mas, é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, *quer por sua fraqueza, quer por desejá-la.* Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos”.

O vocábulo *possesso*, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Posto que, *nesse sentido*, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, **não há possessos na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada.** O termo *possesso* só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.

(KARDEC, 2007a, p. 282, grifo nosso).

Nessa circunstância, não há nenhuma margem para dúvidas de que, naquele momento, não julgava que pudesse haver possessão física, mas, sim, subjugação. E Kardec justifica o porquê de não querer usar o termo possessão, já que poderiam relacioná-lo com demônios, seres que não existem para o Espiritismo, senão na acepção de espíritos imperfeitos e ainda dedicados ao mal.

2) Out/1858 – Revista Espírita

Do artigo “Obsedados e subjugados”, autoria de Kardec, transcrevemos o seguinte trecho:

5º Os Espíritos inferiores não se ligam senão àqueles que os escutam, junto aos quais têm acesso, e aos quais se prendem. Se chegam a imperar sobre alguém, se identificam com o seu próprio Espírito, o fascinam, o obsedam, o subjugam e o conduzem como uma verdadeira criança.

6º A obsessão jamais se dá senão pelos Espíritos inferiores. Os bons Espíritos não fazem experimentar nenhum constrangimento; eles aconselham, combatem a influência dos maus, e se não são escutados, afastam-se.

7º O grau do constrangimento e a natureza dos efeitos que ela produz marcam a diferença entre a obsessão, a subjugação e a fascinação.

A **obsessão** é a ação, quase que permanente, de um Espírito estranho que faz que se seja solicitado, por uma necessidade incessante, a agir em tal ou tal sentido, a fazer tal ou tal coisa.

A **subjugação** é uma ligação moral que paralisa a vontade daquele que a sofre, e o impele aos atos mais insensatos e, frequentemente, mais contrários aos seus

interesses.

A **fascinação** é uma espécie de ilusão produzida, seja pela ação direta de um Espírito estranho, seja por seus raciocínios capciosos, ilusão que engana sobre as coisas morais, falseia o julgamento e faz tomar o mal pelo bem.

8º O homem pode sempre, pela sua vontade, sacudir o jugo dos Espíritos imperfeitos, porque, em virtude de seu livre arbítrio, tem a escolha entre o bem e o mal. Se o constrangimento chegou ao ponto de paralisar sua vontade, e se a fascinação é muito grande para obliterar o seu julgamento, a vontade de uma outra pessoa pode substituí-la.

Dava-se, outrora, o nome de *possessão* ao império exercido pelos maus Espíritos, quando sua influência ia até à aberração das faculdades; mas a ignorância e os preconceitos, frequentemente, fizeram tomar por uma *possessão* o que não era senão o resultado de um estado patológico. **A *possessão* seria, para nós, sinônimo da *subjugação***. Se não adotamos esse termo, foi por dois motivos: o primeiro porque implica a crença em seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, ao passo que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, que todos podem melhorar-se; o segundo **porque implica, igualmente, a ideia de uma presa de *possessão* do corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que não há senão constrangimento**. A palavra *subjugação* reflete perfeitamente o pensamento. Assim, **para nós, não há *possessos* no sentido vulgar da palavra, não há senão *obsedados, subjugados e fascinados***. (KARDEC, 2001a, p. 267-268, grifo nosso).

Continua firme na mesma linha de raciocínio desenvolvida em *O livro dos Espíritos*, ou seja, que “não há *possessos* no sentido vulgar da palavra”. Observe, caro leitor, que o último parágrafo, com pequena variação, foi parar em

O livro dos médiuns, item 241, conforme poder-se-á ver no tópico que se segue.

3) Jan/1861 – O Livro dos Médiuns

No capítulo XXIII, intitulado *Da Obsessão*, Kardec volta novamente ao assunto.

240. A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era; porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria

horriavelmente.

241. Dava-se outrora o nome de *possessão* ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A *possessão* seria, para nós, sinônimo da *subjugação*. **Por dois motivos deixamos de adotar esse termo**: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, **porque implica igualmente a ideia do assenhoreamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento**. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar do termo, há somente *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*. (KARDEC, 2007b, p. 320-321, grifo nosso).

Ainda aqui Kardec não muda de opinião; mantém a que já possuía a respeito desse assunto; apenas, como bom educador, esclarece com mais detalhe o que já havia dito antes.

4) Dez/1863 – Revista Espírita

Neste ponto Kardec muda de opinião, retificando o seu pensamento anterior, após ter uma prova de que há *possessão física*, sim. Vejamos o que ele narra:

Um caso de possessão

Senhoria Julie

Dissemos que não havia *possessos* no sentido vulgar da palavra, mas *subjugados*; **retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver *possessão verdadeira*, quer dizer,**

substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado. Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade. [...].

[...] Ele [o espírito] declara que, querendo conversar com seu antigo amigo, aproveitou de um momento em que o Espírito da Senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para se colocar em seu lugar. [...].

P. Que fez durante esse tempo o Espírito da senhora A...? – R. Estava lá, ao lado, me olhava e ria de ver-me nesse vestuário.

(KARDEC, 2000b, p. 373-374, grifo nosso).

Como se pode notar, transcrevemos apenas o que nos pareceu interessante para o nosso estudo. Entretanto, partindo das próprias afirmações de Kardec, algumas pessoas colocam como ainda não doutrinária essa questão, por estar apenas na *Revista Espírita*. De fato, é perfeitamente aceitável pensar assim, diante do que Kardec disse na Introdução de *A Gênese*: “A *Revue*, muita vez, representa para nós, um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina”. (KARDEC, 2007e, p. 17).

Teríamos, como a maioria, também dado esse assunto por encerrado, já que a evidência era demasiadamente forte para contestarmos, apesar de, particularmente, não estarmos vendo a questão dessa forma, pois, para nós, a mudança de opinião é clara demais na *Revista Espírita*, não se tratando de questão que foi ali colocada para ver as opiniões sobre o assunto. Para nós, ao dizer isso, ele, Kardec, está tornando

pública a sua opinião sobre o tema.

Mas, continuando as pesquisas, deparamos com algo que não deixará dúvidas, ficando claro que faz parte, sim, dos princípios constitutivos da Doutrina. Vejamos, então, o que encontramos, por último, naquilo que pesquisamos.

5) Abr/1864 – O Evangelho Segundo o Espiritismo

No capítulo X – Bem-aventurados os que são misericordiosos, Kardec estuda o tema Reconciliação com os adversários, sobre o qual faz o seguinte comentário:

6. Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. **Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança**, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para os punir do mal que a seu turno praticaram, ou, se tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. [...] (KARDEC, 2007c, p. 181, grifo nosso).

Demorou muito tempo para que nós pudéssemos

perceber que os termos “possessão” e “possesso”, aqui usados por Kardec, já refletiam a sua nova concepção sobre o fenômeno, fruto de suas considerações na *Revista Espírita 1863*.

No Capítulo XXVIII – Coletânea de preces espíritas, item 81, também encontramos, novamente, Kardec referindo-se aos termos “subjugação” e “possessão”, com significados diferentes e não mais como sinônimos:

Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. A causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para isentá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma, pelo que necessário se torna que o obsidiado trabalhe pela sua própria melhoria, o que as mais das vezes basta para o livrar do obsessor, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz indispensável, **quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão**, porque aí não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio. (KARDEC, 2007c, p. 460, grifo nosso).

Vejam que, em *O Livro dos Espíritos*, ele afirma “não há possessos na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada” (KARDEC, 2007a, p. 282); manteve-se coerente quando voltou ao assunto em *O livro dos médiuns*, no qual, inclusive, nem cita a possessão como um dos tipos de obsessão (KARDEC, 2007b, p. 320-321); portanto, se aqui, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, ele já usa o

termo possessão e o coloca como podendo ser um dos casos de obsessão, certamente, é porque refletia mesmo sua nova visão do problema. Inclusive, pelo fato de separar obsidiado e possesso, deixa claro que nem toda possessão é uma obsessão, fato que ficará mais claro ao discorrer sobre o tema em *A Gênese*, conforme veremos a seguir.

6) Jan/1868 – A Gênese

Nesse livro, no capítulo XIV, *Os Fluidos*, tratando das obsessões, Kardec volta a essa questão dizendo:

46 – Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para garanti-la contra a obsessão, tem-se que fortalecer a alma; donde, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar por se melhorar a si próprio, o que as mais das vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de terceiros. Necessário se torna este socorro, quando a obsessão degenera em subjugação e **em possessão**, porque nesse caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo, Ora, um fluido mau não

pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.*

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece. Outro tanto não sucede quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde sempre, do que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor.

47. - Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como que teia e constringido a proceder contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio,

sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº. 18.)

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.

48. – Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. **Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar** e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa.

São numerosos os fatos deste gênero, em diferentes graus de intensidade, e não derivam de outra causa muitos casos de loucura. Amiúde, há também desordens patológicas, que são meras consequências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. Dando a conhecer essa fonte donde provém uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência. (1).

49. – São as mais das vezes individuais a obsessão e a possessão; mas, não raro são epidêmicas. Quando sobre uma localidade se lança uma revoada de maus Espíritos, é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Pode então ser muito considerável o número dos indivíduos atacados. (2).

(1) Casos de cura de obsessões e de possessões: *Revue Spirite*, dezembro de 1863, pág., 373; - janeiro de 1864, pág. 11; - junho de 1864, pág. 168; - janeiro de 1865, pág. 5; - junho de 1865, pág. 172; - fevereiro de 1868, pág. 38; - junho de 1867, pág. 174.

(2) Foi exatamente desse gênero a epidemia que, faz alguns anos, atacou a aldeia de Morzine na Saboia. Veja-se o relato completo dessa epidemia na *Revue Spirite* de dezembro de 1862, pág. 353; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, págs. 1, 33, 101 e 133.

(KARDEC, 2007e, p. 347-351, grifo nosso).

Vê-se, portanto, que o Codificador não deixa de registrar em duas de suas obras básicas o seu novo posicionamento diante do tema possessão. Infelizmente, assim como a *Revista Espírita*, o livro *A Gênese* não é quase lido pelos espíritas; poucos se aventuram a lê-lo; com isso, o entendimento fica equivocado, quando se afirma que não há possessão física, com base em posição anterior de Kardec, posição essa que foi mudada diante dos fatos que lhe foram

apresentados.

Tomamos a liberdade de sugerir à FEB – Federação Espírita Brasileira, que, nas obras citadas – *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *A Gênese* –, registre isso em notas de rodapé, visando alertar ao leitor sobre a mudança de entendimento por Kardec sobre a possessão.

Um outro fator, que não podemos deixar de chamar à atenção, é o fato de que, para Kardec, possessão não significa necessariamente uma obsessão, como muitos de nós acreditamos; para ele é apenas um fato no qual, certos espíritos, literalmente, “tomam posse” do corpo do médium, podendo, tais espíritos serem bons ou maus, conforme o caso. É isso o que ficou claro, para nós, quando da leitura dos itens 47 e 48, acima transcritos.

7) Fev/1869 – Revista Espírita

Na narrativa de Kardec a respeito de um espírito que não acreditava ter morrido, mas apenas sonhando, podemos encontrar mais alguma coisa sobre o assunto de que estamos tratando. Vejamos:

Na sessão da Sociedade de Paris, de 8 de janeiro, o mesmo Espírito veio se manifestar de novo, não pela escrita, mas pela palavra, em se servindo do corpo do Sr. Morin, em sonambulismo espontâneo. Ele falou durante uma hora, e isso foi uma cena das mais curiosas, porque o médium tomou a sua pose, seus gestos, sua voz, sua linguagem ao ponto que aqueles que o tinham visto o reconheceram sem dificuldade. [...].

Numa outra reunião, um Espírito deu sobre

este fenômeno a comunicação seguinte:

Há aqui, uma substituição de pessoa, uma simulação. O Espírito encarnado recebe a liberdade ou cai na inação. Digo inércia, quer dizer, a contemplação daquilo que se passa. Ele está na posição de um homem que empresta momentaneamente a sua habitação, e que assiste às diferentes cenas que se realizam com a ajuda de seus móveis. Se gosta mais de gozar da sua liberdade, ele o pode, a menos que não haja para ele utilidade em permanecer espectador.

Não é raro que um Espírito atue e fale com o corpo de um outro; deveis compreender a possibilidade deste fenômeno, então que sabeis que o Espírito pode se retirar com o seu perispírito mais ou menos longe de seu envoltório corpóreo. Quando esse fato ocorre sem que nenhum Espírito disto se aproveite para ocupar o lugar, há a catalepsia. Quando um Espírito deseja para ali se colocar para agir, toma um instante a sua parte na encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o por esse contato e restitui o movimento à máquina; mas os movimentos, a voz não são mais os mesmos, porque os fluidos perispirituais não afetam mais o sistema nervoso do mesmo modo que o verdadeiro ocupante.

Essa ocupação jamais pode ser definitiva; seria preciso, para isso, a desagregação absoluta do primeiro perispírito, o que levaria forçosamente à morte. Ela não pode mesmo ser de longa duração, pela razão de que o novo perispírito, não tendo sido unido a esse corpo desde a sua formação, não tem nele raízes, não estando modelado sobre esse corpo, não está apropriado ao desempenho dos órgãos; o Espírito intruso não está numa posição normal; ele é embaraçado em seus movimentos e é porque deixa essa veste emprestada desde que dela não tenha mais necessidade. (KARDEC, 2001b, p. 48-49)

Aqui, então, diante do assunto incluído num dos livros das obras básicas, não há mais como contestar não ser tema

constitutivo da Doutrina, embora, como já o dissemos, já o aceitávamos por estar tão objetivamente na *Revista Espírita*, e como resposta à experiência pessoal que tivemos, inicialmente relatada. A novidade é que Kardec afirma que até um Espírito bom poderá possuir o corpo de um encarnado, desde que as condições o exijam, conforme abordado no tópico anterior.

1.4 – Opiniões sobre o assunto

No capítulo XIX – Trances e Incorporações do livro *No Invisível*, Léon Denis (1846-1927) fala justamente daquilo que estamos presentemente estudando. Vamos ver, então, o que disse aquele que é considerado o sucessor de Kardec. Transcreveremos de forma resumida, pois no tópico seguinte mencionaremos mais detalhadamente:

O estado de transe é esse grau de sono magnético que permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal, [...].

No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes. (DENIS, 1987, p. 249, grifo nosso).

Nesse ponto Léon Denis cita Dr. Oliver Lodge (1851-1940) e o professor Frederic William Henry Myers (1843-

1901) como testemunhas da realidade desses fatos. E continuando, lemos:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? Ou opera ele antes, à distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer o Espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos. As citações que acabamos de fazer provam que a incorporação pode ser real e completa. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo do médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros o entrarem em relação com os Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal, e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.

Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão, à distância, parece melhor explicar os fatos. As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. O

Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium, onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua em tal caso no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento.

Ao despertar, o Espírito do médium perde toda consciência das impressões recebidas no sentido de liberdade, do mesmo modo que não guardará o menor conhecimento do papel que seu corpo tenha desempenhado durante o transe. Os sentidos psíquicos, de que por um momento haviam readquirido a posse, se extinguem de novo; a matéria estende o seu manto; a noite se produz; toda recordação de desvanece. O médium desperta num estado de perturbação, que lentamente se dissipa. (DENIS, 1987, p. 252-254).

As colocações de Léon Denis vêm corroborar o que o próprio Kardec disse sobre a possessão. Agora, mais do que nunca, ficamos convictos dessa realidade, uma vez que todas as colocações, que citamos, estão coerentes entre si, não havendo, portanto, algo que demonstre qualquer contradição entre elas.

Poderemos ainda acrescentar, apenas para reforçar essa ideia, algumas coisas que encontramos no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, Francisco Cândido Xavier (1910-2002), ditado por André Luiz.

Vejamos os trechos nos quais, falando a respeito de determinado médium, está dito: “[...] Quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras, reclama-nos

cautela, porquanto **quase sempre deixa o corpo à mercê dos comunicantes**, [...]” (XAVIER, 1987, p. 30, grifo nosso).

Segundo pensamos, se o médium “empresta o veículo a entidades” é porque os espíritos tomam posse do corpo físico dele ou, no linguajar popular, incorpora-se no médium.

[...] Entretanto, **adaptando-se ao organismo da mulher** amada que passou a obsidiar, nela encontrou novo instrumento de sensação, vindo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados. **Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos**, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto. [...] (XAVIER, 1987, p. 54, grifo nosso).

É praticamente o que diz Kardec ao final do item 47, na passagem comentada no item 4 acima – *A Gênese*. A única divergência é que o codificador falou de posse momentânea, e aqui descreve uma com, provavelmente, cinco anos de duração.

Notamos que Eugênia-alma afastou-se do corpo, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, **o visitante sentava-se rente, inclinado-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha**, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela. (XAVIER, 1987, p. 54-55, grifo nosso).

[...] nesses trabalhos, **o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...** (XAVIER, 1987, p. 56, grifo nosso).

Impressionante como esse trecho se assemelha à fala do espírito que explicava como possuía o corpo físico da Senhora A..., na possessão citada na *Revista Espírita*. E, para quem assistiu ao filme *Ghost*, essa descrição faz-nos lembrar do que acontecia com a personagem vivida por Whoopi Goldberg (1955-), que antes brincava de “receber” espíritos, e depois passou a “recebê-los” de fato.

Vejam bem: tudo isso se ajusta ao que está dito em *A Gênese*; mas, mesmo que no livro do autor espiritual André Luiz fatos extremamente idênticos sejam relatados, lemos nessa obra – *Nos domínios da mediunidade* –, o seguinte: “Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem...” (XAVIER, 1987, p. 18).

Isso vem justamente contradizer, salvo melhor juízo, o que está descrito nesse mesmo livro de André Luiz, quando dos casos de incorporação e dos de obsessão, uma vez que, por eles fica caracterizada a posse do corpo do médium ou, conforme o caso, do obsidiado. Assim, acreditamos que poderia haver certo exagero em se dizer de forma absoluta que a mente está na base de todas as manifestações mediúnicas, como se afirma no mencionado livro, a não ser que estejamos entendendo de maneira errada o que quer colocar o autor espiritual. Poderia, quem sabe, estar mesmo querendo dizer que essa base é a mente do desencarnado, não como sendo a ligação mental entre os envolvidos no fenômeno mediúnico.

Podemos ainda citar o Dr. Hernani Guimarães Andrade (1913-2003) que utilizou quase das mesmas passagens que citamos de André Luiz, quando estudou a questão das incorporações mediúnicas, obsessões e possessões. A certa altura diz-nos esse saudoso mestre:

A “incorporação mediúnica” pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação: psicofonia, psicografia, **possessão parcial ou total das manifestações de habilidades não aprendidas** tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade, transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmas), etc. (ANDRADE, 2002, p. 122, grifo nosso).

Vê-se, portanto, que Dr. Hernani aceitava a possessão como uma realidade mediúnica.

A FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo publicou a obra *Curso de Educação Mediúnica*, originada das aulas ministradas, na instituição, por diversos autores sob a Coordenação da Área de Ensino. No programa do 2º ano, temos a 18ª aula que trata da Obsessão – Obsessão Simples – Fascinação – Subjugação – Possessão, na qual é mencionada a mudança de opinião de Kardec sobre a possessão, citando o livro *A Gênese*, cap. XIV, itens 45 a 49 como o local onde isso ocorreu. Transcrevemos da conclusão a que chegaram:

Em síntese, pode-se dizer que na obsessão o

Espírito atua exteriormente por meio de seu Perispírito, e, **na possessão, faz domicílio no corpo do encarnado, que cede seu corpo voluntariamente, como no caso da senhorita Julie, ou, involuntariamente, quando o possessor é um Espírito mau, ao qual o possesso não tem força moral para resistir.** (FEESP, 1991, p. 140, grifo nosso).

Corroborando, portanto, o que nós também concluímos sobre o assunto, tomando-se como base as próprias obras de Kardec, não arredando pé dos conceitos doutrinários nelas contidos.

1.5 – Conclusão

O que aprendemos, como uma oportuna lição, é que sempre devemos fazer nossas pesquisas em todos os livros de Kardec; até que tenhamos a opinião final, não podemos ficar com a primeira opinião que, por ventura, venhamos encontrar. Conforme ficou demonstrado neste estudo, Kardec mudou de opinião sobre a possessão; daí, poderemos concluir que não colocou nada como verdade absoluta, mas, como sempre, passível de novos entendimentos. Sobre esta abertura veja-se isso que ele disse: **“O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo;** não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação”. (KARDEC, 1993i, p. 223, grifo nosso). Vai até mais longe ao dizer, em relação à progressividade evolutiva do Espiritismo: “Se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, modificar-se-á sobre esse ponto; se uma

nova verdade se revela, ele a aceita” (KARDEC, 2007e, p. 40).

Disso também fica claro que Kardec reformula as respostas dos espíritos, que **nunca os julgou infalíveis**, quando surgem fatos que o levam a concluir o contrário. Veja bem, se considerarmos todas as respostas de *O livro dos Espíritos* como de origem dos espíritos e as explicações de *O livro dos médiuns* como também obra deles, então, temos que convir que Kardec não ficou preso a elas, como, às vezes, muitos companheiros fazem. Situação nova; mudam-se conceitos anteriores; basta, para isso, que a experiência nos recomende tomar outro caminho.

O que jamais podemos deixar de lembrar é que o próprio Kardec recebia instruções dos espíritos, via inspiração, pois, em todo o decorrer de sua missão, foi assistido pelos espíritos e, especialmente, pelo Espírito de Verdade, conforme se pode confirmar por uma mensagem dirigida a ele, em 14 de setembro de 1863, em Paris, da qual destacamos o seguinte trecho:

Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que **as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas. Nossa ação, principalmente a do Espírito de Verdade, é constante ao teu redor e tal que não a podes negar.** Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, **segundo meus conselhos ocultos,**

modificaste tão ampla e completamente. Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. **Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado.** [...]. (KARDEC, 2006b, p. 341, grifo nosso).

Podemos, também, corroborar esse fato tomando das próprias palavras de Kardec, registradas na *Revista Espírita*, ano de 1867; senão vejamos:

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. **Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas**, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, - em outros tempos eu teria dito: como por encantamento -, de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos de que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. (KARDEC, 1999, p. 274, grifo nosso).

Então, podemos, sem a menor dúvida, aceitar que as considerações de Kardec, a qualquer ponto doutrinário, podem muito bem ser fruto de inspirações dos Espíritos Superiores, envolvidos na Codificação.

Devemos, pois, reformular nossos conceitos sobre a possessão, tendo em vista que deverá prevalecer, segundo acreditamos, a última opinião de Kardec; e é ela que vem dizer da possibilidade real da possessão, por um espírito, do corpo de um encarnado. Poderemos dizer que na subjugação o encarnado não quer fazer, mas é constrangido a fazer aquilo que o espírito obsessor deseja que o subjugado faça. A atuação do espírito é por envolvimento. Nessa hipótese o encarnado está consciente da situação, mas nada pode fazer para evitá-la. Já na possessão o encarnado não tem a mínima ideia do que lhe está acontecendo; seu corpo, independentemente do seu querer, faz a vontade do espírito obsessor, conforme percebemos; senão em todos, pelo menos na maioria dos casos de que tomamos conhecimento. Nessa situação está completamente inconsciente, não oferecendo a mínima resistência à vontade do obsessor, que faz do obsidiado¹ nada menos que uma marionete, se assim podemos nos expressar.

Diante do exposto, podemos aceitar, sem medo de errar, que, em alguns casos, existe, mesmo, uma real incorporação, no sentido exato da palavra, aplicado a esse fenômeno mediúnic, conclusão a que chegamos por este nosso estudo.

1 Usamos este termo tomando como base as considerações do prof. Astolfo Olegário de Oliveira Filho, diretor de Redação da revista espírita *O Consolador* e editor do jornal *O Imortal*: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/209/questoesvernaculas.html>

2 – Incorporação por Espíritos

2.1 – Introdução

Comumente, diz-se da possibilidade de um Espírito entrar no corpo de um médium, para transmitir o seu pensamento. É o termo usado pelos umbandistas para designar a fase do transe mediúnicos, na qual o Espírito comunicante literalmente incorpora-se no mediano, ou seja, “entra” no seu corpo. No movimento espírita, tem-se evitado usar esse termo, embora, como veremos mais adiante, alguns espíritos e espíritas o utilizem.

O Aurélio assim define o vocábulo: *Tomada do corpo do médium por um guia ou espírito; descida, transe mediúnicos*. Para melhor entendimento, colocaremos uma explicação mais abrangente que se encontra num *site* espírita²:

[do latim incorporatione] – 1. Ato ou efeito de incorporar(-se). 2. O termo incorporação tem sido aplicado inadequadamente à mediunidade psicofônica, pois não tem como dois espíritos ocuparem o mesmo corpo. No entanto, alguns teóricos espíritas afirmam que a incorporação se dá quando o Espírito, ainda que sob o controle do médium, tem a liberdade de movimentar por completo o corpo do mesmo, o que seria também chamado de psicopraxia.

Ato em que o espírito desencarnado “entra” no corpo do médium para uma interação com os

2 <http://portalespirito.com/doutrina/letra-i.htm>

demais encarnados. O espírito do médium cede lugar momentaneamente para o espírito animador. Este sempre permanece no aparelho por algum tempo, sendo totalmente impossível uma incorporação mais duradoura. O espírito que incorpora em um corpo pode doar ou sugar energias do corpo que lhe acolhe, dependendo do grau de adiantamento do espírito em questão. O espírito do médium permanece ligado a seu corpo pelo "cordão-de-prata". A incorporação é um dos mais interessantes e praticados fenômenos espíritas. Suas possibilidades são muitíssimo vastas, não só do ponto de vista da comunicação efetiva com o espírito como sua interação com o meio físico mais propriamente. Verifica-se, em muitos casos, um grande desgaste por parte do espírito [encarnado?] logo após a desincorporação, possivelmente devido a grande troca energética que se verifica entre o espírito, o médium e o meio. (Leitura básica: "O Livro dos Médiuns" de Allan Kardec).

Muita dúvida, é certo, ainda suscita esse tema. Mesmo sem que tenhamos feito um levantamento quantitativo, é bem provável que a esmagadora maioria dos estudiosos do Espiritismo – já ouvimos inclusive isso de vários deles – não aceitar tal possibilidade, especialmente quando se leva em conta o que consta em *O Livro dos Espíritos*, onde, como vimos, se diz: "O Espírito não entra num corpo como entras numa casa. [...] Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, [...]" (KARDEC, 2007a, p. 282).

Um alerta aos que têm essa primeira obra publicada pelo Codificador como algo no qual se encontra pronto e acabado tudo que se relaciona à Doutrina Espírita, não cabendo acrescentar nada mais do que está nela, transcrevemos esta esclarecedora e oportuna fala de Kardec:

“O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação”. (KARDEC, 1993i, p. 223).

2.2 – O que geralmente se pensa desse assunto

A título de exemplo, do que normalmente se pensa do assunto, transcrevemos:

Existe a incorporação de Espíritos?

No sentido semântico do termo **não existe incorporação**, pois nenhum Espírito conseguiria tomar o corpo de outra pessoa, assumindo o lugar da sua Alma. **O que ocorre é que o médium e o Espírito se comunicam de perispírito a perispírito, ou seja, mente a mente, dando a impressão de que o médium está incorporado.** Na mediunidade equilibrada, o médium tem um maior controle de sua faculdade e **o fenômeno mediúnico acontece mais a nível mental.** Nos processos obsessivos graves (doenças mórbidas causadas por Espíritos inferiores), onde a mediunidade está perturbada, podem ocorrer crises nervosas. Observadores de pouco conhecimento podem achar que um Espírito mau apoderou-se do corpo do enfermo. Foi esse fenômeno que deu origem às práticas de exorcismo.

(<http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>, grifo nosso).

Oportuno, que possamos trazer ao estudo duas outras opiniões, que têm uma possibilidade bem grande de influenciar alguns confrades manterem-se firme na crença de que não há posse física.

A primeira delas a encontramos na obra *Desafios da*

Mediunidade, na psicografia de José Raul Teixeira (1949-), da qual transcrevemos a resposta do autor espiritual, Camilo, à pergunta “É correto falar-se em ‘incorporação?’”:

Não se trata bem da questão de certo ou errado. Trata-se de uma utilização tradicional, uma vez que **nenhum estudioso do Espiritismo, hoje em dia, irá supor que um desencarnado possa “penetrar” o corpo de um médium**, como se poderia admitir num passado não muito distante. [...]. (TEIXEIRA, 2012, p. 47, grifo nosso).

A segunda opinião é do tribuno Divaldo Pereira Franco (1927-), que está registrada numa entrevista do Programa Transição, onde ele, discorrendo sobre Mediunidade, refere-se ao filme *Ghost: do outro lado da vida*, dizendo:

Gostaria de fazer um pequeno adendo. É que posteriormente, nas comunicações tem-se a impressão que o desencarnado entrava no corpo da médium para poder comunicar-se. Essa informação não é verdadeira. Embora o filme seja muito bem elaborado, ele foge um pouco à técnica do fenômeno da mediunidade. Os fenômenos mediúnicos ocorrem através do perispírito do médium. O perispírito do desencarnado ou corpo astral, como normalmente é denominado, ao acoplar-se ao corpo astral do médium ou perispírito, palavra cunhada por Allan Kardec, transmite as suas emoções, as suas sensações e através do direcionamento psíquico comandando o chacra coronário e o chacra cerebral, a sede da consciência e a sede da superconsciência, transmite com naturalidade as informações. Foi um dos detalhes que, no filme, me chamou a atenção. Dando a impressão que o espírito entra no médium, conforme o líquido no vasilhame, não é exatamente assim. (FRANCO, 2008, de 19' 22" a 20' 25").

Trazendo essas duas opiniões queremos demonstrar que não devemos aceitar cegamente o que dizem os Espíritos ou Espíritas, porquanto, falam do que conhecem sem estar, necessariamente, corretos, já que todos somos falíveis.

2.3 – Na Codificação o que podemos encontrar?

A nosso ver, Kardec não detalhou esses casos; mas, em algumas situações, podemos ver que há um campo aberto a esse entendimento. Fora o caso da possessão, que já vimos no tópico anterior, podemos citar certos pontos abordados por ele, para melhor entendimento do assunto.

Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? **Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento,** do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? (KARDEC, 2007b, p. 24-25, grifo nosso).

A utilização do corpo físico de um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado parece-nos ser, ainda que de modo não muito explícito, uma possibilidade tratada aqui neste tópico.

O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, **quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma**; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. (KARDEC, 2007b, p. 74, grifo nosso).

Nesse trecho da fala de Lamennais (Espírito), surgem três aspectos diferentes pelos quais acontece o fenômeno da comunicação espiritual, de cujo mecanismo o perispírito é a base fundamental: pelo corpo, pelo perispírito e pelo Espírito, o que, segundo acreditamos, significaria, pela ordem: a incorporação completa, o envolvimento parcial de algum membro do corpo e o assim denominado “mente a mente”.

A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da *psicografia*, por ser esta a **transmissão do pensamento do Espírito**, mediante a escrita feita com a mão do médium. (KARDEC, 2007b, p. 200, grifo nosso).

Observamos que, ao se falar da particularidade da transmissão do pensamento do Espírito na psicografia, isso nos dá a ideia de que, pelo menos nesse caso, tem-se admitido no fenômeno a ocorrência da ligação mental entre o encarnado e o desencarnado. Essa poderia ser também a

justificativa, dada por muitos, de que a fenomenologia tem como base tal mecanismo, ou seja, o de ser o fator de sua produção uma conexão “mente a mente”.

Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é mister levar em conta o que se passa na operação. **O Espírito que se comunica atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move maquinalmente o braço e a mão para escrever**, sem ter (é, pelo menos, o caso mais comum) a menor consciência do que escreve; a mão atua sobre a ceta e a ceta sobre o lápis. (KARDEC, 2007b, p. 209, grifo nosso).

Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e para, assim ele acaba.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. [...]. (KARDEC, 2007b, p. 230, grifo nosso).

Parece-nos que, aqui, a coisa se dá de uma forma diferente da anterior, pois Kardec não fala em transmissão de pensamento, mas em atuação do Espírito que faz com que o médium, sob essa influência, passe a escrever. Não estaria aqui uma ação direta do Espírito comunicante sobre o braço do médium? Se for desse jeito, então, o fenômeno não se enquadraria, segundo supomos, no conceito “mente a mente” especialmente da forma como isso é geralmente entendido.

Os médiuns audientes, que apenas transmitem

o que ouvem, não são, a bem-dizer, **médiuns falantes**. Estes últimos, as mais das vezes, nada ouvem. **Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra**, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo comunicar-se, **o Espírito se serve do órgão** que se lhe depara mais flexível no médium. A um, toma da mão; a outro, da palavra; a um terceiro, do ouvido. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz. Em suma, nele, a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como pode com o auxílio de um médium audiente. (KARDEC, 2007b, p. 218-219, grifo nosso).

Ao dar as características do médium falante, Kardec as descreve como decorrentes de uma atuação do Espírito sobre os órgãos da palavra, dando-a por semelhante à que acabamos de citar. Assim, acreditamos que não prevalece o “mente a mente” como única base para o fenômeno, embora não tenhamos dúvida de que foi uma mente que o tenha produzido.

A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou, melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o Espírito encarnado. **O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão**, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. **Atua sobre a alma, com a qual se identifica**. A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: é que o **Espírito livre não se substitui à alma**, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado

seu, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médium intuitivo*. (KARDEC, 2007b, p. 230-231, grifo nosso).

No caso dos médiuns intuitivos, explica-nos Kardec que a ação do Espírito não é sobre a mão, mas sobre a alma do médium. Disso entendemos que pode ser aplicado, nesta situação, o "mente a mente" como base de sua origem. Contudo, também, aqui fica bem claro que em outros casos isso não ocorre, conforme já o dissemos.

Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: "Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção **o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium**, o que não se dá na escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, **o cérebro desempenha sempre um papel ativo**." (KARDEC, 2007b, p. 240, grifo nosso).

Talvez aqui possamos ter uma ideia de que, nos fenômenos de efeitos inteligentes, há sempre a utilização do cérebro do médium; entretanto, isto não implica dizer que seja tudo na base da ligação de "mente a mente". Porém, ao se tratar da mediunidade, de uma forma genérica, a coisa torna-se complicada, diante do que se estará afirmando:

"O Espírito, que se comunica por um médium,

transmite diretamente seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?

'O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar a grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e transmita"'. (KARDEC, 2007b, p. 280, grifo nosso).

Neste ponto, pela resposta dos Espíritos, a fenomenologia mostra-se, genericamente, como o meio do qual se utiliza o Espírito para transmitir sua mensagem, tendo como base o médium intérprete, do que podemos concluir ser o caso de se aplicar o "mente a mente", embora esse caso nos pareça conflitar com o dito anteriormente.

Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. Como Espírito e na medida de suas capacidades, faz o que fazia como homem; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, **serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado,** que vem a ser o a que se chama *médium*. Procede então como um que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito. (KARDEC, 2007b, p. 300, grifo nosso).

Nas duas condições, quer como encarnado ou desencarnado, a atuação do Espírito sobre a matéria, no caso

o corpo físico, abre porta, segundo acreditamos, para a possibilidade da incorporação, no exato sentido do termo.

Por meio do seu perispírito é que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; ainda por intermédio desse mesmo fluido é que ele se manifesta; atuando sobre a matéria inerte, é que produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que os levanta, derriba, ou transporta. Nada tem de surpreendente esse fenômeno, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o concurso do seu perispírito que o **Espírito** faz que os médiuns escrevam, falem, desenhem. **Já não dispondo de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, corpo ao qual faz que atue como se fora o seu próprio, mediante o eflúvio fluídico que verte sobre ele.** (KARDEC, 2007e, p. 343, grifo nosso).

Temos aqui um complemento da explicação anterior, que torna mais clara ainda a questão do uso do corpo físico do encarnado por um Espírito, no processo de comunicação.

Quem quiser se dar a oportunidade de ir a algum terreiro de Umbanda verá que um médium totalmente “tomado” por um Espírito chega, em alguns casos, a beber até um litro de cachaça (marafa), sem que isso lhe altere qualquer coisa em seu corpo. Depois que o retoma, após a saída do Espírito comunicante, está, o médium, tão normal quanto alguém que nada bebeu. Será que isso aconteceria se o intercâmbio fosse, como acreditam muitos, simplesmente

pelo processo de ligação de “mente a mente”? A nossa suspeita em relação a esse fato é que, por ter o Espírito desencarnado acoplado ao corpo físico do médium, ao sair ele leva consigo, impregnadas no seu perispírito, todas as energias provenientes da beberagem. De igual modo, presumimos acontece quando se faz o uso do fumo.

Uma coisa é importante lembrar aos que acham que tudo já foi dito, à semelhança do que acontece com muitos crentes em relação à Bíblia, é que Kardec não pôs um ponto final no que recebeu dos Espíritos, conforme sua afirmação, já mencionada por nós; porém, cabe repetir: “O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação” (KARDEC, 1993i, p. 223). Portanto, se na experiência diária, chegarmos a novas conclusões, para determinados fenômenos, não estaremos jamais indo contra Kardec; mas, ao contrário, estaremos agindo segundo nos orientou.

2.4 – O que dizem alguns autores consagrados?

Seguindo nosso estudo, iremos agora ver o que Léon Denis (1846-1927) nos traz a respeito desse intrigante assunto. Em seu livro *No Invisível*, cita a opinião de Frederic Myers (1843-1901), professor da Universidade de Cambridge, que foi um pesquisador dos fenômenos psíquicos e um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de

Londres:

“Afirmo que essa substituição de personalidade, ou incorporação de espírito, ou possessão, assinala verdadeiramente um progresso na evolução da nossa raça. Afirmo que **existe um espírito no homem,** e que é salutar e desejável que esse espírito, como se infere de tais fatos, seja **capaz de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo,** o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, ao mesmo tempo em **que permitiria ao espírito de um desencarnado fazer uso desse organismo, deixado momentaneamente vago,** para entrar em comunicação com os outros espíritos ainda encarnados na Terra. Julgo poder assegurar que muitos conhecimentos já se têm adquirido nesse domínio e que muitos outros restam ainda a adquirir para o futuro.” (DENIS, 1987, p. 31, grifo nosso).

A percepção de Myers é clara quanto à possibilidade de um Espírito desencarnado usar o corpo físico de um encarnado pela incorporação.

Vejamos, agora, o que o próprio Léon Denis fala a respeito disso no capítulo XIX, intitulado *Transe e incorporações*:

O estado de transe é esse grau de sono magnético que **permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal,** e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico

permite à alma desprendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.

O estado de transe pode ser provocado, quer pela ação de um magnetizador, quer pela de um Espírito. Sob o influxo magnético, os laços que unem os dois corpos se afrouxam. A alma, com seu corpo sutil, vai-se emancipando pouco a pouco; recobra o uso de seus poderes ocultos, comprimidos pela matéria. Quanto mais profundo é o sono, mais completo vem a ser o desprendimento. As radiações da psique aumentam e se dilatam; um estado diferente de consciência, faculdades novas se revelam. Um mundo de recordações e conhecimentos, sepultados nas profundezas do "eu", se patenteia. O médium pode, sob o império de uma vontade superior, reconstituir-se numa de suas passadas existências, revivê-la em todas as suas particularidades, com as atitudes, a linguagem e os atributos que caracterizam essa existência. Entram ao mesmo tempo em ação os sentidos psíquicos. A visão e audição à distância se produzem tanto mais claras e fiéis quanto mais completa é a exteriorização da alma.

No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes. (DENIS, 1987, p. 249, grifo nosso).

O Espírito encarnado, dadas as circunstâncias apropriadas, pode se afastar do seu corpo, fenômeno esse conhecido como emancipação de alma. Esse fato é que possibilita ao desencarnado se apropriar temporariamente desse corpo para usá-lo em sua manifestação.

Continuando a análise da questão, ainda coloca Denis:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? ou opera ele antes, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos.** As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa.** É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros entrarem em relação com Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. **Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.**

Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos. As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium,** onde

adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento.

Ao despertar, o Espírito do médium perde toda consciência das impressões recebidas no sentido de liberdade, do mesmo modo que não guardará o menor conhecimento do papel que seu corpo tenha desempenhado durante o transe. Os sentidos psíquicos, de que por um momento havia readquirido a posse, se extinguem de novo; a matéria estende o seu manto; a noite se produz; toda recordação se desvanece. O médium desperta num estado de perturbação, que lentamente se dissipa. (DENIS, 1987, p. 252-254, grifo nosso).

Neste ponto, segundo a opinião de Léon Denis, que é considerado o "sucessor" de Kardec, fica assim clara a questão de existirem, além da incorporação, com o desencarnado assumindo o corpo físico do encarnado, os casos de transmissão de pensamento, o que confirma o "mente a mente", de forma parcial, ou seja, não é uma regra para todos os casos, como, obviamente, a incorporação também não o é.

Interessante registrar o que ele argumentou a respeito do funcionamento do cérebro nesses casos:

No transe, a entidade psíquica, a alma, se revela por distinta atividade do funcionamento orgânico, por particular acuidade das faculdades. Quando é completa a exteriorização, o Espírito do médium pode agir sobre o corpo adormecido com mais eficácia que no estado de vigília e do mesmo

modo que um Espírito estranho. **O cérebro não é então, como no estado normal, um instrumento movido diretamente pela alma, mas um receptor que ela aciona de fora.** (DENIS, 1987, p. 272, grifo nosso).

Assumindo, pelo cérebro, o total comando do corpo físico do encarnado, o Espírito faz dele o que sua vontade quer. Daí, talvez se explique, com mais propriedade, a capacidade de muitos médiuns reproduzirem fielmente tanto a voz quanto a caligrafia do desencarnado, de tal sorte que passará em qualquer teste científico objetivando comprovar a perfeita identidade disso com o que produzia quando vivo. E quem sabe se, também, não explica a razão de, nesses casos, haver inconsciência do médium quanto ao que transmite ao público.

Gabriel Delanne (1857-1926) em *O fenômeno espírita*, falando sobre a incorporação, disse:

A mediunidade, pela pena, abrevia e simplifica as comunicações com os Espíritos; porém, há outro modo ainda mais expedito, por meio do qual **o Espírito se apodera dos órgãos do médium e conversa por sua boca, como o poderia fazer se ele próprio estivesse encarnado.** Os ingleses e norte-americanos dizem que, nesse caso, o médium está em transe. (DELANNE, 1977, p. 105, grifo nosso).

Ao que nos parece, Delanne também admitia a incorporação, especialmente pela forma com que fala “o Espírito se apodera dos órgãos do médium”.

Gustave Geley (1868-1914), metapsiquista, fundador

e primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, também dá a sua contribuição para elucidar o assunto. De sua obra, *Resumo da Doutrina Espírita*, transcrevemos:

A incorporação é o fenômeno, segundo o qual o espírito toma posse do corpo do médium, e não apenas de um membro ou de um órgão. Nestes casos, não é só a palavra e a voz que fazem lembrar as do morto; reconhecem-se também os gestos característicos que acompanham o discurso, as atitudes e a expressão geral da fisionomia. No seu grau superior o fenômeno é também acompanhado de *transfiguração*. O corpo e o rosto do médium sofrem modificações momentâneas, *reais e não ilusórias*, que os fazem parecer-se muitíssimo aos do defunto incorporado naquele momento.

Este fenômeno, embora pouco frequente, parece ser dos mais impressionantes. (GELEY, 2009, p. 54-55, grifo nosso).

A posição de Geley é bem clara, quanto ao fenômeno de incorporação ser algo “real e não ilusório”.

A divergência de opiniões, entre os vários autores espíritas, é flagrante; uns contra, poucos a favor, fato que também não deixamos de observar entre os próprios Espíritos desencarnados.

Como exemplo do grupo que comunga com essa hipótese, citamos Cairbar Schutel (1868-1938), que assim se expressou:

Na mediunidade falante verificam-se também casos de incorporação: o Espírito do médium se afasta um tanto do seu organismo para dar lugar a outro Espírito, que se utiliza do corpo. Neste

caso, há sempre inconsciência do médium, porque ele cai em estado de transe. (SCHUTEL, 1984, p. 37).

Portanto, Schutel não deixa dúvida quanto ao fato.

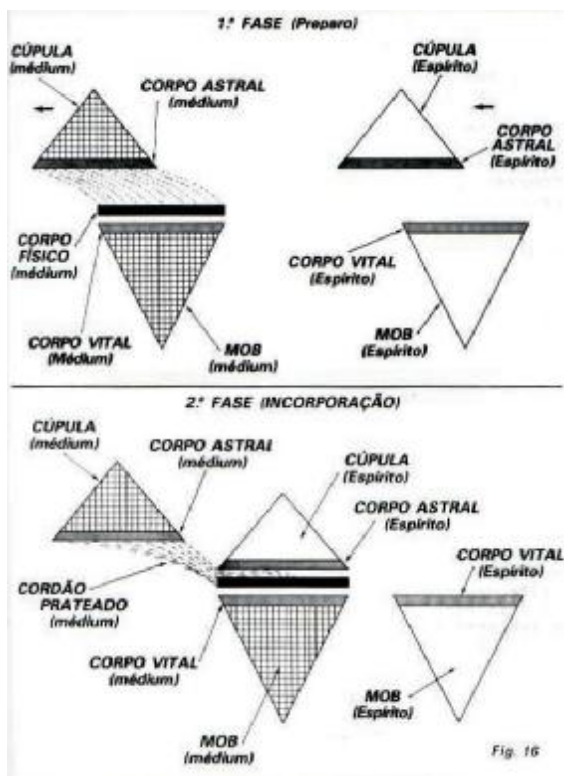
Cita ainda Hernani Guimarães Andrade (1913-2003) que, na obra *Espírito, perispírito e alma*, estuda a questão das incorporações mediúnicas, obsessões e possessões, a certa altura, diz-nos:

Principiaremos com o mais comum e corriqueiro: a "incorporação mediúnica". Na incorporação mediúnica, podemos distinguir várias graduações, se tomarmos por base os diferentes níveis de conservação de consciência e controle, por parte do médium, durante a comunicação dada pelo Espírito manifestante.

A "incorporação mediúnica" pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação: psicofonia, psicografia, possessão parcial ou total das manifestações de habilidades não aprendidas tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade, transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmias), etc.

O mecanismo da "incorporação mediúnica" é fácil de compreender. Ela pode principiar pela aproximação da entidade que deseja comunicar-se. Esta poderá eventualmente influenciar o "médium", facilitando-lhe o "transe". **O médium passa então a sofrer um desdobramento astral (OBE) e sua cúpula juntamente com o corpo astral deslocam-se parcial ou totalmente de maneira a permitir que a cúpula e o corpo astral do Espírito comunicante ocupe parcial ou totalmente o campo livre deixado pelo "corpo astral" do médium.** A incorporação é tanto mais perfeita

quanto maior o espaço é cedido pelo astral do médium ao afastar-se do seu corpo físico, deixando lugar para a cúpula com o corpo astral do comunicador. Este – o Espírito comunicante – deverá sofrer um processo semelhante ao desdobramento astral, para permitir que sua cúpula e corpo astral possam justapor-se ao espaço livre deixado pelo médium (ver fig. 16).



Na figura 16 mostramos esquematicamente o mecanismo de uma incorporação mediúmica completa. Há casos em que a parte astral do médium se desloca só parcialmente, permitindo que apenas uma fração do astral do Espírito comunicador entre em contacto com a zona anímico-perispirítica daquele. Mesmo nestas condições pode haver comunicação, a qual poderá ser em parte direta e em parte telepática. Em

semelhante circunstância há sempre possibilidade de controle das comunicações, por parte do médium. Este poderá interferir no processo, ainda mesmo que totalmente afastado, pois a ligação com a sua zona anímico-perispirítica não cessa. Há sempre a presença do “cordão prateado” garantindo o domínio do próprio equipamento somático. (ANDRADE, 2002, p. 121-124, grifo nosso).

Dentro da hipótese defendida por Dr. Hernani sobre o MOB – Modelo Organizador Biológico, a sua explicação, de como acontece o fenômeno de incorporação, é feita de uma forma que nos dá uma boa ideia do que, de fato, segundo ele, ocorre nesses casos.

Na série André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), encontramos esse assunto em duas de suas obras. A primeira é a que tem o título de *Missionários da Luz*, na qual tece comentários sobre o fenômeno – capítulo 16, Incorporação. Vamos transladar alguns pontos, que julgamos importantes, para o entendimento do tema.

Enquanto Alexandre ouvia em silêncio, o simpático colaborador prosseguiu, depois de ligeira pausa:

– Estimaríamos receber a devida autorização para trazê-lo... **Poderia incorporar-se na organização mediúnica de nossa irmã** Otávia e fazer-se ouvir, de algum modo, diante dos amigos e familiares...

[...].

– Ouça, porém, meu amigo! – tornou Alexandre, sereno e enérgico – é indispensável que você medite sobre o acontecimento. **Lembre-se de que você vai utilizar um**

aparelho neuro-muscular que lhe não pertence. Nossa amiga Otávia servirá de intermediária. No entanto, você não deve desconhecer as dificuldades de um médium para satisfazer a particularidades técnicas de identificação dos comunicantes, diante das exigências de nossos irmãos encarnados. Compreende bem?

[...].

Terminada a oração e levado a efeito o equilíbrio vibratório do ambiente, com a cooperação de numerosos servidores de nosso plano, **Otávia foi cuidadosamente afastada do veículo físico, em sentido parcial, aproximando-se Dionísio, que também parcialmente começou a utilizar-se das possibilidades dela. Otávia mantinha-se a reduzida distância,** mas com poderes para retomar o corpo a qualquer momento num impulso próprio, guardando relativa consciência do que estava ocorrendo, **enquanto que Dionísio conseguia falar, de si mesmo, mobilizando, no entanto, potências que lhe não pertenciam e que deveria usar, cuidadosamente, sob o controle direto da proprietária legítima** e com a vigilância afetuosa de amigos e benfeitores, que lhe fiscalizavam a expressão com o olhar, de modo a mantê-lo em boa posição de equilíbrio emotivo. **Reconheci que o processo de incorporação comum era mais ou menos idêntico ao da enxertia da árvore frutífera.** A planta estranha revela suas características e oferece seus frutos particulares, mas a árvore enxertada não perde sua personalidade e prossegue operando em sua vitalidade própria. Ali também, **Dionísio era um elemento que aderiu às faculdades de Otávia, utilizando-as na produção de valores espirituais que lhe eram característicos,** mas naturalmente subordinado à médium, sem cujo crescimento mental, fortaleza e receptividade, não poderia o comunicante revelar os caracteres de si mesmo, perante os assistentes. Por isso mesmo, logicamente, não era possível isolar, por completo, a influência de Otávia, vigilante. A

casa física era seu templo, queurgia defender contra qualquer expressão desequilibrante, e nenhum de nós, os desencarnados presentes, tinha o direito de exigir-lhe maior afastamento, porquanto lhe competia guardar as suas potências fisiológicas e preservá-las contra o mal, perto de nós outros, ou à distância de nossa assistência afetiva. (XAVIER, 1986, p. 260-277 – *passim*, grifo nosso).

A segunda obra, desse autor espiritual, que aborda o tema é a *Nos domínios da mediunidade*, da qual transcrevemos:

Quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras, reclama-nos cautela, porquanto **quase sempre deixa o corpo à mercê dos comunicantes**, quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física. (falando do médium Antônio Carlos).

[...].

“... Entretanto, **adaptando-se ao organismo da mulher** amada que passou a obsidiar, **nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados**. Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto”.

[...].

“Notamos que **Eugênia-alma afastou-se do corpo**, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, **o visitante sentava-se rente, inclinado-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela**”.

[...].

Observei que leves fios brilhantes ligavam a frente de **Eugênia, desligada do veículo físico**, ao cérebro da entidade comunicante.

[...].

[...] mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado **a quem empresta o seu carro físico**, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência.

[...].

"[...] nesses trabalhos, **o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...**"

[...].

Se preciso, **a nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo**. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que **o comunicante é a ação**, mas no qual a médium personifica a vontade... (XAVIER, 1987, p. 28-56 – *passim*, grifo nosso).

É interessante que alguma coisa desses trechos se assemelha à fala do Espírito que explicava como possuía o corpo físico da Senhora A..., na possessão citada na *Revista Espírita*. Segundo nos parece de tudo aqui colocado, em se referindo à médium Eugênia, é apenas uma confirmação do que já foi dito antes, o que nos induz a aceitar, sem maiores reservas, a incorporação como uma realidade no fenômeno mediúnico.

Mais à frente, nessa mesma obra, vamos encontrar relatos ocorridos com uma outra médium, Dona Celina, dos quais reproduzimos:

A médium desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entrega a sono profundo, e conduziu a aura brilhante de que coroava.

[...].

A nobre senhora fitou o desesperado visitante com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, **auxiliando-o a senhorear o veículo físico**, então em sombra.

Qual se fora atraído por vigoroso ímã, **o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela, instintivamente.**

[...].

A mediunidade falante em Celina era diversa?

[...].

- Celina - explicou, bondoso - é sonâmbula perfeita. **A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnicos à mente do hóspede que o ocupa.** A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que **não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contacto com os centros motores da vida cerebral.** Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade... É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetuoso da missionária que lhe dispensa amparo assistencial. (XAVIER, 1987, 69-74 - *passim*, grifo nosso).

Vê-se, portanto, a real incorporação dessa médium,

comprovando-se então a hipótese que estamos estudando.

Logo na sequência, fala-se da possessão, que é objeto de estudo num capítulo específico do livro citado. Vejamos:

[...] **A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão,** sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes.

[...].

Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que **o ataque epiléptico,** com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível.

[...].

Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo.

Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus, informou, compadecido:

- **É a possessão completa ou a epilepsia essencial.**

- Nosso amigo está inconsciente? - aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito.

- **Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal.** Todas as suas células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. **Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista.** Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, **em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra,** de modo a enriquecer o patrimônio

das próprias experiências. (XAVIER, 1987, p 75-80 – *passim*, grifo nosso).

A narrativa não nos leva a outra conclusão senão à de que a incorporação é mesmo uma realidade. E, da mesma forma que em Kardec ficou demonstrado isso, aqui vemos, sem margens a dúvidas, tudo se confirmando.

Um complicador a tudo isso é o que ainda consta, no mencionado livro, que vem de encontro a essa possibilidade, conforme se vê nessas duas frases: "... precisamos considerar que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos" e "Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem..." (XAVIER, 1987, p. 15 e 18, respectivamente). Acreditamos que isso vem justamente contradizer, salvo melhor juízo, o que está descrito no livro, quando dos casos de incorporação e dos de obsessão, uma vez que, por eles, fica caracterizada a posse do corpo do médium ou do obsidiado, respectivamente.

Quem sabe se não haveria um certo exagero em se dizer de forma absoluta que a mente está na base de todas as manifestações mediúnicas ou, talvez, o que se estaria querendo dizer, na verdade, seria que essa base é a mente do desencarnado que a produz, não como sendo a ligação mente a mente entre os envolvidos no fenômeno mediúnico...

Presumimos que a ideia do autor espiritual possa estar retificada nessa outra fala, onde já não mais coloca as coisas de forma tão abrangente assim: "Vimos aqui o fenômeno da

perfeita assimilação de correntes mentais que preside habitualmente a **quase** todos os fatos mediúnicos”. (XAVIER, 1987, p. 49, grifo nosso). Esse “quase”, parece-nos ser, como se diz, o pulo do gato; por ele entendemos que aí, sim, a possibilidade de incorporação permanece e não contraria tudo o que foi dito no livro sobre o assunto.

A União Espírita Mineira – UEM publicou, em 1983, o livreto *Mediunidade* da série Evangelho e Espiritismo, do qual transcrevemos:

08 – Qual a condição do médium na psicofonia consciente, na semiconsciente e na inconsciente?

R. – Na psicofonia consciente o Espírito comunicante transmite, telepaticamente, às vezes, à distância, as suas ideias ao médium que as retrata com as suas próprias palavras. Na semiconsciente, o Espírito comunicante, através do perispírito do médium, entra em contato com este, atuando sobre o campo da fala e outros centros motores. **Na inconsciente, afasta-se o Espírito do médium do seu próprio corpo, que mais livremente é utilizado pelo comunicante.** Quando há inteira confiança entre ambos, é como se o médium entregasse um instrumento valioso nas mãos de um artista emérito que o valoriza. Se o comunicante é rebelde ou perverso, o médium, embora afastado, age na condição de um enfermeiro vigilante a controlar o doente. (UEM, 1983, p. 52, grifo nosso).

Não sabemos qual é a posição oficial da UEM; porém, da resposta pode-se perceber que há um afastamento do espírito do médium do seu próprio corpo, que, após isso, passa a ser utilizado pelo espírito comunicante; portanto,

s.m.j, julgamos tratar-se do fenômeno de incorporação física.

Visando saber a opinião dos membros do GAE – Grupo de Apologética Espírita³, enviei-lhes um *e-mail* solicitando de cada um que, sem qualquer tipo de consulta, pudesse nos dizer o que achava sobre isso. Recebemos oito respostas, das quais 75% foram a favor da possibilidade de um Espírito incorporar num médium. Observamos que, muitas vezes, a experiência pessoal norteia nossa opinião; por isso transcrevemos aqui a que nos deu Maurício C. Pimenta, um dos membros:

Oi, Paulo

Minha opinião é de um leigo que não fez nenhum estudo especializado sobre o tema. Meu pressuposto seria o de que o cérebro comanda tudo, ou melhor, o espírito (através do perispírito) comanda tudo a partir do cérebro, que é seu instrumento. Quando penso em mim mesmo, a impressão que tenho é que a sede de minha consciência estaria alojada temporariamente no meu cérebro, muito provavelmente ligado à parte interna da nuca (quem sabe na glândula pineal...). É o que eu sinto no estado normal. Já no estado de desdobramento, percebo que essa sede de consciência se desloca para fora do meu corpo e aumentando consideravelmente o nível de percepção, a ponto de pensar estar numa espécie de universo paralelo independente do atual. Tomando essas percepções como base, minha suposição é a de que numa incorporação ocorra uma tomada dessa região do cérebro, ainda que temporariamente. Para isso, o incorporar seria necessariamente um alojar de outra consciência nessa parte do cérebro, de onde seja possível controlar o corpo físico. Isto seria diferente de apenas ficar “ao lado de”, enviando sugestões e

3 www.apologiaespirita.org

permitindo que o próprio espírito que ali comanda cumpra essas sugestões, a nível consciente ou inconsciente (pensando que elas venham dele mesmo), o que chamaríamos de mediunidade intuitiva.

Em resumo, numa incorporação o espírito se alojaria temporariamente nessa parte do cérebro e daí assumiria o controle do corpo.

Abraços,

Maurício C.P.

Até que nos surja uma explicação melhor, concordamos plenamente com as colocações do nobre colega.

Encontramos uma informação que não poderemos deixar de citá-la, visto corroborar o que dissemos bem no início deste estudo sobre a relação do termo incorporação com a Umbanda. Transcrevemos da obra *Fundamentação da Ciência Espírita* de autoria do prof. Carlos Friedrich Loeffler (?-):

Nos últimos anos, houve algum esforço de certos núcleos diretores do movimento espírita, no sentido de fazer uma "limpeza" no vocabulário largamente usado pelos profíctentes da doutrina espírita. Resolveu-se banir o termo "incorporação" por achá-lo incorreto e repleto de influências umbandistas. Promoveu-se sua substituição pelo termo psicofonia.

É interessante o exame desta questão. Antes de qualquer coisa, **o termo incorporação não foi criado por umbandistas**, pois estes não têm nenhuma preocupação doutrinária, embora nos últimos anos tenha surgido alguma literatura unificadora. **O termo foi cunhado por espíritas.** É encontrado naturalmente nas obras de Léon Denis, Gabriel Delanne e muitos outros vultos

proeminentes. Obras mediúnicas, como as do espírito Manoel Philomeno de Miranda, na psicografia de Divaldo P. Franco, usam o termo. [...] (LOEFFLER, 2003, p. 274, grifo nosso).

Exatamente o que suspeitávamos, ou seja, não se usa mais o termo por puro preconceito, algo que julgamos lamentável.

2.5 – Conclusão

Aqui, já finalizando, não poderemos deixar de citar o livro *Possessão Espiritual* de Edith Fiore, doutora em Psicologia pela Universidade de Miami, no qual ela narra as experiências que realizou com seus pacientes, submetendo-os a hipnose. Ela acredita nessa hipótese; inclusive, chega a informar que 70% dos casos – mais de quinhentos pacientes – com os quais tomou contato, em seu consultório, tratavam-se de possessão (FIORE, 1990, p. 15).

Tempos atrás, não sabemos precisar quando, tivemos a oportunidade de conversar com uma moça que havia tentado se suicidar pulando da laje de uma casa. Fomos visitá-la no hospital. Contou-nos que não era a primeira vez que isso lhe acontecia; pois tinha, anteriormente, por duas vezes, tentado dar cabo de sua vida cortando os próprios pulsos. Ela confessou-nos que nunca quis realizar esse tipo de coisa, mas uma “força” a obrigava a fazer isso contra a sua própria vontade.

Analisando esse caso, não conseguimos entender como aplicar o “mente a mente” – tese contrária à

incorporação – como base para todas as manifestações, uma vez que a pessoa que sofria pressão do Espírito estava, naqueles momentos, em plena consciência de si, apesar de não conseguir exercer o controle de seu corpo. A hipótese que mais nos parece aplicar-se ao caso é mesmo a possessão física, tendo o seu Espírito se afastado momentaneamente do corpo, mas conservando, na dimensão espiritual, a sua lucidez, o que a fez conseguir, por um meio qualquer, trazer à memória física o fato acontecido.

Voltando à questão da pergunta 473, de *O Livro dos Espíritos*, vejamos a opinião do companheiro Ricardo Matos Damasceno em resposta a um outro membro do GAE:

Felipe,

Compreensível a tua preocupação com a matéria, principalmente no que concerne à integridade da questão 473 de OLE. Não obstante, deve conferir-se à resposta em pauta uma interpretação sistêmica, até para compatibilizá-la com as demais obras da Codificação. Nesse item, os Espíritos, de modo genérico, afirmam não ser possível uma substituição da entidade encarnada, no sentido de ela separar-se do organismo para ceder lugar ao apropriante. Em verdade, o Espírito destinado a um corpo está para ele como uma chave para uma fechadura. Possivelmente, tais ligações devem ocorrer em nível quântico, graças a um quantum de energia o qual se modifica de encarnação para encarnação, entre distintos indivíduos, não se repetindo de um corpo a outro.

Essa quantidade de energia estabeleceria, segundo eu penso, a impossibilidade de que um Espírito substitua o outro durante a mesma encarnação. Na hipótese da possessão, a sintonia fluidica deve ajustar-se a um nível vibratório

próximo àquele em que se verifica a do Espírito encarnado com o próprio organismo, promovendo uma acoplagem perispírito-perispírito, a fim de que o apropriante temporário detenha o controle dos centros psicossomáticos do médium. Tal fenômeno, todavia, não vem de invalidar a questão 473 de OLE, uma vez que ele deve acontecer em situações raríssimas e, mesmo assim, não há de implicar uma permuta de individualidade. Por conseguinte, observa-se apenas um controle muito amplo, similar àquele experimentado pelo próprio encarnado, através do chamado duplo etérico ou da zona fluídica (interface perispírica) mais densa ou barôntica dos terminais nervosos do Sistema Nervoso Central (SNC) e do próprio Sistema Nervoso Autônomo (SNA).

Abraços,

Ricardo

A nossa conclusão é que, apesar de haver casos em que se pode perfeitamente aplicar o "mente a mente", outros ocorrem em que a incorporação física é um fato concreto e real.

Conclusão

Na verdade, não temos muito a acrescentar do que já foi dito em cada um dos tópicos.

De nossa parte ficamos convictos da ocorrência dos dois casos – possessão e incorporação, que, talvez, sejam um só, porquanto, ressaltamos, o princípio é o mesmo. Nem poderemos dizer que a possessão é obsessão, pois, vimos que há possibilidade da posse física por um espírito bom. Quanto à incorporação, de forma idêntica, pode acontecer tanto com espíritos bons ou maus. Podemos, até, usar para fins didáticos, que possessão seja só para espíritos maus, quando ela se dá com um espírito bom designaremos de incorporação. Entretanto, com o termo incorporação não dá para especificar, deixando-o para as duas situações de posse, a de Espíritos bons e dos maus.

Desejamos, que você leitor, com esse material, possa avaliar tudo e tirar suas próprias conclusões, já que jamais temos em mente forçar alguém a crer como nós.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, H.G. *Espírito, Perispírito e Alma*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.
- AUTORES DIVERSOS. *Curso de Educação Mediúnica – 2º ano*. São Paulo: FEESP, 1991.
- DELANNE, G. *O fenômeno espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- DENIS, L. *No Invisível*, Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- IORE, E. *Possessão Espiritual*. São Paulo: Pensamento, 1990.
- GELEY, G. *Resumo da Doutrina Espírita*. São Paulo: Lake, 2009.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*, Rio de Janeiro: FEB, 2006b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*, Araras – SP: IDE, 2001c.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*, Araras – SP: IDE, 2000b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*, Araras – SP: IDE, 1993i.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*, Araras – SP: IDE, 1999.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*, Araras – SP: IDE, 2001b.
- LOEFFLER, C. F. *Fundamentação da Ciência Espírita*. Niterói, RJ: Lachâtre, 2003.
- LOMBROSO, C. *Hipnotismo e Mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- SCHUTEL, C. *Médiuns e Mediunidades*. Matão, SP: O Clarim, 1984.
- TEIXEIRA, J. R. *Desafios da Mediunidade*. Niterói, RJ: Fráter, 2012.
- UEM – União Espírita Mineira. *Mediunidade*. Belo Horizonte: UEM, 1983.

XAVIER, F. C. *Missionários da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. *Nos Domínios da Mediunidade*, Rio de Janeiro: FEB, 1987.

FRANCO, D. P. *Programa Transição 001 – Mediunidade*. Out/2008, disponível em:

[http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-](http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html)

[video_5955d7952.html](http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html), acesso em 11.01.2013, às 07:22hs.

<http://portalespirito.com/doutrina/letra-i.htm>, acesso dia 11.09.2012, às 10:36hs.

<http://www.espirito.org.br/porta/perguntas/prg-004.html>, acesso dia 23.06.2008 às 13:15hs

Capa:

<http://www.espiritualismo.info/imagens/enfermidades/pensador.gif>

Ghost:

http://br.web.img1.acsta.net/r_640_600/b_1_d6d6d6/media/s/nmedia/18/64/69/67/19067744.jpg

Estes artigos foram publicados:

– Possessão: há posse física do encarnado?: revista digital **O Consolador** nº 206. Londrina, PR, abr/2011 – parte 1 e nº 207, mai/2011 – parte 2 e final.

– Incorporação por Espíritos (versão original), foi publicado, em três partes, pela Mythos Editora na revista **Espiritismo & Ciência**, nas seguintes edições: nº 70 de maio/2009, p. 6-10; nº 71 de junho/2009, p. 14-18 e nº 72 de julho/2009, p. 6-9.